



Gilmar Mascarenhas e sua geografia do futebol: breves aproximações e horizontes de pesquisa

Gilmar Mascarenhas and his geography of football: brief approaches and research horizons

Julia Santos Cossermelli de Andrade*¹ , Leandro Dias de Oliveira² , Demian Garcia Castro³ , Fernando da Costa Ferreira⁴ 

¹Viramundo - Laboratório de Geografias Populares, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

²Departamento de Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica, RJ, Brasil

³Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

⁴Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: ldiasufrj@gmail.com (LDO); demiancastro@yahoo.com.br (DGC);

fernandoferreira@ibc.gov.br (FCF)

*E-mail para correspondência: juliadeandrade@gmail.com

Recebido (Received): 26/10/2022

Aceito (Accepted): 11/11/2022

Resumo: Esse artigo apresenta, de maneira introdutória, a obra do professor Gilmar Mascarenhas. Trata-se do primeiro geógrafo brasileiro a trabalhar com a temática do futebol e da geografia dos esportes de maneira mais ampla. Apresentamos inicialmente algumas passagens da sua biografia e de sua carreira acadêmica para, em seguida, apresentar um conjunto de textos que ele deixou como um dos mais ricos legados para os estudos da área. Finalmente indicamos alguns orientandos que seguem seus ensinamentos. Com isso desejamos reconhecer a incontestável contribuição deste pensador que, infelizmente, nos deixou precocemente. Ele foi mais uma vítima da violência contra o ciclista nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Geografia dos esportes; Megaeventos esportivos; Estádios de futebol; Arenas esportivas.

Abstract: This paper presents, in an introductory way, the work of Professor Gilmar Mascarenhas. He was the first Brazilian geographer to work with the theme of football and the geography of sports in a broader way. We initially present some passages from his biography and his academic career, then present a set of texts that he left as one of the richest legacies for studies in the area. Finally, we indicate some students who follow his teachings. Thus, we wish to recognize the undeniable contribution of this thinker who, unfortunately, left us prematurely. He was another victim of violence against cyclists on the streets of the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Sports Geography; Sports mega-events; Football stadiums; Sports arenas.

1. Introdução

A relação existente entre a geografia e o futebol, tema deste dossiê organizado pela Revista do Departamento de Geografia (RDG) da USP, é muito instigante. Abordagem relativamente nova no campo da geografia, os estudos sobre o futebol vêm ganhando muita força nos últimos anos. Seria impossível escrever sobre o tema sem citar o professor Gilmar Mascarenhas – precursor dos estudos sobre a geografia do futebol, sobre a própria geografia dos esportes e das implicações territoriais dos megaeventos esportivos. Escrever sobre este geógrafo, que tão precocemente nos deixou, é uma grande honra e uma grande responsabilidade para todos nós.

Esse artigo foi escrito por quatro pessoas que, de alguma maneira, estiveram próximas ao Gilmar durante sua rápida passagem pela vida. Julia Andrade que foi amiga e colega do Gilmar do DGH da UERJ Maracanã. Com ele dividiu sala, sonhos e disciplinas na graduação e na pós. Uma delas dedicada exclusivamente a trabalhar a obra do professor Milton Santos. Deve a ele sua vinda definitiva para o Rio pois foi ele que a convenceu a participar do concurso público para essa universidade em 2014. Leandro Dias de Oliveira,

Demian Garcia Castro e Fernando da Costa Ferreira foram orientandos, em diferentes momentos, do professor Gilmar Mascarenhas. Com Leandro Dias, o diálogo teve início com a orientação de mestrado, defendido em 2006 na UERJ, e prosseguiu com parcerias diversas em aula, palestras, mesas, bancas, artigos e livros. Conforme afirmado nos agradecimentos de sua tese de doutorado:

Gilmar, além de amigo, incentivador e responsável por importantes reflexões sobre a temática, indicou a Prof.^a Arlete para compor a banca de mestrado, e me apresentou a possibilidade de desenvolver esta pesquisa na UNICAMP. Não seria exagero afirmar que Gilmar é o grande responsável pela realização deste doutorado (OLIVEIRA, 2011, p. xiii).

Demian Castro Garcia foi aluno de graduação, de mestrado e orientando de doutorado, quando defendeu a tese intitulada “O Maraca é Nosso!: elitização do futebol, neoliberalização da cidade e lutas sociais em torno do Maracanã” (CASTRO, 2016). Com o Gilmar e outros colegas, pode participar ativamente de ações como o grito “Não vai ter Copa!” e de outras ações de resistência aos modelos FIFA/COI de realização de megaeventos esportivos. Por sua vez, Fernando da Costa Ferreira foi orientando do Gilmar em duas oportunidades: no curso de Especialização e de Doutorado em Geografia, ambos na UERJ. Juntos, participaram de bancas e escreveram artigos em parceria com Demian Castro. No campo pessoal-profissional-afetivo, foi graças à indicação de Gilmar que teve a oportunidade de concorrer a uma vaga e lecionar em uma faculdade na cidade de Carangola (MG). Foi lá que conheceu sua esposa com quem tem hoje duas filhas.

Ou seja, para todos nós o trabalho com o Gilmar era sempre permeado de afetos e cuidados. Não sabemos se ele chegou a ler bell hooks com sua defesa de que os ambientes de trabalho deveriam ser amorosos pois amor e trabalho andam juntos (hooks, 2020;102). Mas era essa a prática.

Dividimos esse artigo em três partes. Uma primeira apresenta o professor Gilmar em sua trajetória acadêmica de pesquisa e docência. Na segunda parte apresentamos a sua obra que discute, especificamente, a questão do futebol. Na terceira e última sessão vamos apontar alguns caminhos de sua orientação e as perspectivas de seu legado intelectual na Geografia do Futebol.

2. Primeira aproximação: o sujeito

Professor Gilmar Mascarenhas foi um intelectual carioca. Professor de Geografia Humana, discutia em suas aulas a mobilidade urbana, as disputas pelo uso das cidades entre pedestres, ciclistas e o transporte automobilístico. Militante, aboliu o uso do carro nos últimos anos de vida e passou a fazer seus percursos apenas de bicicleta. Morava no bairro de Laranjeiras e ia trabalhar no Maracanã pedalando. Foi numa manhã de sábado em junho de 2019 que ele, se deslocando para um trabalho de campo com seus alunos e alunas no Morro da Conceição no centro do Rio, foi atingido por um ônibus quando atravessava o bairro da Glória. Faleceu de maneira violenta corroborando para as estatísticas de morte de ciclistas que ele tanto denunciava.

Alguns meses antes da sua morte, em março de 2019, Gilmar havia atravessado o mais importante ritual na vida acadêmica de um docente e se tornou o primeiro professor titular da Geografia da UERJ. Foi uma sessão bonita onde ele apresentou um memorial muito emocionante para a banca examinadora. Esse texto, escrito à sua maneira, descreveu não apenas sua trajetória de pesquisas - livros, artigos e bancas - mas descortinou o homem que realizou esse percurso. Como ele mesmo verbalizou: “Um reencontro comigo mesmo, com minha trajetória de vida e trabalho”. Filho de feirantes nordestinos e suburbanos, Gilmar apresentou no memorial seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017). Isso porque o lugar social que Gilmar ocupou definiu as suas experiências de vida: sua infância pobre onde ele ajudou o pai no trabalho da feira, as severas dificuldades que ele enfrentou para estudar e, acima de tudo, as dificuldades da família para sobreviver numa cidade pouco generosa com os mais pobres, como é o Rio de Janeiro. Tudo isso marcou profundamente a maneira do pensador ver, sentir e atuar no mundo. Em um recente artigo que integra o Dicionário dos Geógrafos Brasileiros – Volume 2 (ANDRADE, 2020), apresentamos algumas facetas interessantes que o professor apresenta em seu memorial. Este foi seu último escrito e, infelizmente, ainda continua inédito.

Olhando a vida e a obra de um professor como Gilmar Mascarenhas, é impossível não atentar para a importância da democratização do ensino superior. Ele foi um dos raros exemplos onde um sujeito oriundo das classes trabalhadoras alcança o posto de professor universitário de uma importante instituição pública. Por isso ele foi um exemplo e uma inspiração para muitos outros alunos e alunas da UERJ que, com a importante política de cotas, puderam ter acesso à universidade. Por isso refletir sobre sua trajetória, suas escolhas e olhares é fundamental. Quando outros sujeitos sociais adentram às universidades, muita coisa se transforma. Se por um lado existe uma mudança na vida pessoal de mulheres e homens que conseguem o

acesso ao ensino superior (atingindo, inclusive, uma rede ampla de familiares e amigos), podemos afirmar que, por outro lado, uma outra escala de mudanças também se opera. Quando filhos de trabalhadores informais, operários, favelados, suburbanos, negros e negras chegam aos bancos das nossas universidades, muita coisa muda dentro da própria instituição. Os questionamentos no interior dos cursos se tornam outros. É outro ponto de vista, outro lugar de vida e de reflexão sobre a cidade e o mundo. E com isso, obviamente, outras perguntas são postas para a pesquisa acadêmica. Isso que aconteceu com Gilmar vemos acontecer cotidianamente nos cursos onde a presença de discentes cotistas é marcante.

O professor possuía absoluta clareza em relação a essa questão. Em seu memorial ele escreve:

[...] para além da inquietação para com as desigualdades e opressões cotidianas, o fascínio pelas miudezas e potências do espaço banal. Há um entrelaçamento, potente, mas também escorregadio ou impreciso, entre o âmbito profissional-acadêmico e a trajetória pessoal (o plano existencial do espaço vivido), a sustentar tal opção narrativa pelas notas autobiográficas (MASCARENHAS, 2018, p. 2).

Ou seja, sua história de vida revela os condicionantes (percalços e limitações) que definem o “por quê” e o “como” ele fez a sua própria geografia. E isso se revela nas suas escolhas dos temas de pesquisa.

Gilmar se graduou na UFF nos anos 1980 e defendeu sua dissertação de mestrado na UFRJ em 1991 sob orientação do professor Roberto Lobato Azevedo Corrêa, com o título: “O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: conflitos, mudanças e persistências. (Rio de Janeiro: 1964-1989)” (MASCARENHAS, 1991). Este texto ganhou notoriedade pelo seu caráter inusitado e despertou o interesse do professor Milton Santos, membro da banca de defesa. O professor Milton, como sabemos, construiu um sólido estudo sobre economia urbana. No livro “Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos” (SANTOS, 1979) analisa a modernização tecnológica e constrói uma teoria que confronta os estudos econômicos urbanos e tradicionais que tinham como paradigma a planificação marcada por uma política neoliberal. Para Milton Santos estaríamos diante de dois circuitos: um que ele denominou superior - constituído pela chamada “economia formal” das grandes corporações - e um outro que ele denominou de circuito inferior. Esse seria constituído de uma “economia informal”, de base familiar e com diversos arranjos criados pela população de baixa renda para resolver seu cotidiano e com soluções produzidas pelos mais pobres. Para o geógrafo baiano esses dois circuitos funcionam conjuntamente e de maneira interdependente. O circuito inferior não pode ser entendido como uma anomalia que deveria ser erradicado. Por isso o estudo do jovem Gilmar animou o professor Santos a ponto de chamá-lo para uma entrevista visando uma orientação para uma futura pesquisa de doutorado. Gilmar sempre contava com orgulho o momento deste convite e apresentava como prova a dedicatória do professor Milton na capa do livro “Urbanização Brasileira” na versão da capa verde da Hucitec.

Gilmar voltou a São Paulo alguns anos depois para realizar a entrevista com o professor Milton Santos. Mas chegou carregando um novo projeto: falar sobre a geografia do futebol. Milton ouviu atentamente e, desapontado, disse no final da entrevista que com esse tema seria impossível o trabalho. Explicou que ele mesmo, menino negro do interior da Bahia, criado com rigor pelos pais, jamais pegou numa bola. Seria inviável essa orientação. Contrariamente do que se espera na academia, onde para trabalhar ao lado de grandes nomes da intelectualidade, se abre mão de projetos pessoais, Gilmar lamentou a negativa, mas seguiu firme no seu desejo em discutir o futebol. Nada até o momento havia sido escrito no campo da geografia sobre esse tema. Isso era, sem dúvida, um problema. Mas era também um desafio estimulante que ele enfrentou.

Milton Santos não se torna o orientador de doutorado de Gilmar, mas seguiu sendo – ao lado de Maurício de Abreu – uma das principais referências teóricas no campo da geografia. Para Gilmar Mascarenhas a proposição teórica de Santos de “espaço geográfico” a partir de sistemas técnicos e da natureza “ativa” do espaço frente à dinâmica da sociedade era a chave para o entendimento da dialética da totalidade. “O espaço como condicionante para a ação humana, impondo ‘barreiras’ ou oferecendo ‘atrativos’, e não como mero palco passivo do acontecer social” era a visão defendida por Gilmar, com inspiração miltoniana. (MASCARENHAS, 1999, p. 47)

No ano de 2001 Gilmar (MASCARENHAS, 2001) defendeu sua tese de doutorado sob orientação da professora Odette Seabra, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com o título “A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul” (**Figura 1**). Parte desta pesquisa se tornou seu principal livro, publicado sob o título “Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol”. Essa obra, que foi indicada para a Feira de Frankfurt de 2014, o colocou em um patamar de reconhecimento nacional e internacional. Ele passa a

fazer parte de diferentes grupos de pesquisa em torno do tema. Durante o período do doutorado, conheceu pesquisadores de outras áreas que também trabalhavam tanto o futebol quanto os esportes de maneira mais ampla e iniciou assim um rico percurso de trocas e parcerias.

Importante também dizer que durante o doutorado Gilmar começa a construir uma carreira internacional através de uma bolsa sanduíche de sete meses na Espanha (1999-2000) sob orientação de Horácio Capel. Esse, estimulado pela abordagem inédita, não poupou elogios e abriu muitas oportunidades ao geógrafo carioca.

Não era apenas o futebol. O que Gilmar buscava compreender era a geografia dos esportes de maneira mais ampla. Professor da UERJ desde o ano de 1992 ele introduz no currículo desta instituição uma eletiva com o nome *geografia dos esportes* que sempre despertou um imenso interesse entre os alunos e alunas.

Finalmente, para encerrar essa primeira parte do artigo, trazemos novamente um trecho de Gilmar Mascarenhas do seu memorial. Fazendo um jogo de palavras com o texto de Camões, ele escreve:

“Teria feito muito mais, não fosse tão vasto o mundo, tão curta a vida, tão grande o amor (alguém a partir de Camões). Teria feito muito mais, não fosse tão vasta e incontornável a Geografia, tão curto e acelerado o tempo, tão grande e absorvente o precioso envolvimento familiar”.

Gilmar nos deixou muito precocemente em um momento intelectual de absoluta criatividade. Estava cheio de projetos e distribuía convites de parcerias aos colegas e amigos em conversas de corredores, durante os encontros nos cafés e nas sessões de debates. Queria estudar Lima Barreto, o subúrbio e a música. Vivia um grande amor, estava cercado de filhos e netos. Sua morte é ainda hoje inaceitável.



Figura 1: Gilmar Mascarenhas em trabalho de campo conhecendo os clubes e pequenos estádios na região de Pelotas (RS). Fonte: arquivo pessoal dos autores.

3. Segunda aproximação: Estádios, torcidas, cidades, resistências a partir da geografia do futebol

Gilmar Mascarenhas dedicou sua vida a estudar a cidade, essa forma-conteúdo que expressa o próprio devir humano. Inspirado na obra de Henri Lefèbvre (1991, 2001, 2004, entre outros), Mascarenhas sempre lembrava que a “*cidade é lugar do encontro*”, portanto, nossas próprias existências espacializadas. Mas a cidade por ele exaltada era o palco da democracia, de fluxos, trocas e diálogos, da vivacidade das feiras livres, do turismo como descoberta e não como ordenamento, do futebol descompromissado nos campinhos das periferias, dos ritmos que não serviam à implacável voracidade do capital, mas capazes de permitir a vida em sua plenitude.

Em sua obra, tratou, sempre de forma crítica, detalhista e inovadora, de temas como a feira livre – mais que um objeto de pesquisa, era uma investigação-homenagem ao seu pai feirante, mas também à uma cidade com menos mercados homogeneizantes das paisagens, sabores e negócios –, da urbanização turística, da geografia dos lazeres, dos grandes eventos esportivos e de diversas modalidades esportivas. Possuía uma maturidade intelectual e um repertório conceitual vasto que se traduzia em uma extensa agenda de pesquisa

com temas que abriam novas fronteiras e apontavam novos caminhos interpretativos (MASCARENHAS, 1999b).

Nos últimos anos, Gilmar Mascarenhas concentrou fortemente seus esforços na análise dos megaeventos esportivos: foram mais de 40 (quarenta) textos, entre artigos e capítulos de livros, nacionais e internacionais, investigando com esmero especialmente os Jogos Olímpicos de Verão do Rio de Janeiro, realizados em 2016, e a Copa do Mundo de Futebol Masculino, que aconteceu no Brasil em 2014, assim como os Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, que ocorreram em 2003, os Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos de Verão de 1992, em Barcelona, na Espanha – referência quando tratamos de olimpismo urbano – e os Jogos Olímpicos de Verão de 2008, realizados em Pequim, na China. A riqueza de debates, palestras, bancas e aulas para os ouvintes e interlocutores sobre o tema são imensuráveis.

Quando o Brasil teve sua candidatura aceita para sede do Pan-2007 e dos Jogos Olímpicos e Copa do Mundo da década seguinte, a intelectualidade acadêmica finalmente compreendeu o impacto político, econômico, social, ambiental e cultural nas cidades que abrigavam tais competições. A imensidão dos investimentos financeiros e intensidade dos fluxos de capital logo ocasionaram a produção de artigos em série, de pesquisadores das mais diversas áreas, sobre os impactos das reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. Os fundamentos eram especialmente os impactos de um modelo neoliberal autoritário, excludente e pautado no empresariamento urbano (HARVEY, 1996), com a dolorosa modernização de estádios, espaços urbanos e das próprias práticas esportivas.

Gilmar Mascarenhas há muito esteve atento a isso e já aludia, no século passado, que os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo permitiriam extrair diversas questões de interesse para a geografia. Em diálogo com o geógrafo Jean-Pierre Augustin (1995, 1996 e 1997), Mascarenhas já alertava sobre a dimensão geopolítica dos Jogos Olímpicos e os interesses das potências econômicas na repercussão de um modelo internacional profundamente hierárquico e desigual. Mas não somente isso: sobre a urbanização, Gilmar Mascarenhas (1999b) já refletia sobre o quanto estes grandes eventos tendiam cada vez mais a mobilizar poderosos investimentos nas cidades que os sediavam, produziam grandes impactos na forma urbana, geravam ampla mobilização popular e permitiam inúmeros projetos urbanísticos com o fim de moldar a cidade segundo os desígnios do comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Lembremos: Gilmar escreveu isso em 1999, observando com muita antecedência o que depois seria tratado como descoberta por outros analistas.

Não é por outro motivo que a sua análise é tão rica sobre o tema, explorando a produção do espaço sob a perspectiva dos megaeventos e os impactos sociais; a luta por justiça ambiental em meio à construção farsesca do desenvolvimento sustentável; a mercadorização da cidade, transformada em produto, vitrine e espetáculo; e a própria espetacularização do esporte. As políticas urbanas impostas numa cidade de exceção mediante o autoritarismo neoliberal, a globalização, metropolização e elitização do esporte transformado em mercadoria potente, as resistências ao processo em meio a eclosão de movimentos e lutas sociais e o legado do olimpismo urbano nas cidades-sede foram profundamente analisados pelo autor.

Há, portanto, uma questão complexa que Gilmar não se furtou a enfrentar: em meio ao universo analítico onde a prática esportiva é vista como mercadoria global e seus artífices grandes vitrines de marcas, investimentos e perfis prontos para gerar dinheiro, há também no trabalho do autor uma perspectiva da prática esportiva a partir das relações entre corpo e cidade, saúde e força física. A preocupação sobre os esportes de maneira geral e sua dimensão espacial; o ecoturismo, os desafios da natureza e esportes de aventura; a introdução dos esportes na vida urbana, com foco especial na cidade do Rio de Janeiro (MASCARENHAS, 1999a), e o próprio papel civilizador do esporte; e a criação de uma paisagem própria do esporte, afetando o espaço geográficos, com a emersão não somente dos estádios de futebol, campos de golfe ou hipódromos, mas com os processos de loteamento urbano, aumento do preço da terra, segregação social e *city marketing*. Há que se reforçar aqui: Gilmar Mascarenhas ofereceu uma verdadeira epistemologia da geografia dos esportes, mobilizando conceitos com destreza – espaço, território, lugar, paisagem, natureza, redes, flexibilidade produtiva, globalização, metropolização, empreendedorismo urbano, cidade, justiça ambiental, turismo e muitos outros – e, como um verdadeiro e genuíno legado, construiu uma importante agenda de investigações sobre o tema.

Portanto, suas pesquisas sobre futebol são alicerçadas em uma longa trajetória de cuidados teórico-epistêmicos e aperfeiçoamento e amadurecimento intelectual. São 19 (dezenove) artigos sobre a geografia do futebol e 14 (catorze) capítulos de livro, publicados em diferentes idiomas e com focos diversos. Tudo começou com a sua tese e seus desdobramentos, com recorte na cidade de Porto Alegre, então polo industrial numa próspera zona colonial ítalo-germânica e fortemente racista, e onde se desenvolveu a “Liga da Canela Preta” (MASCARENHAS, 2001a). A “Liga da Canela Preta” foi analisada tanto a partir da lenta inserção do

negro ex-escravo na sociedade de então como do próprio papel do futebol na modernização urbana, criação de territórios e territorialidades e da própria vida nas cidades brasileiras no início do Século XX.

A partir desse trabalho seminal, Gilmar Mascarenhas não mais parou em suas interpretações sobre o futebol à luz da geografia, com esforços analíticos que podem ser assim sintetizados:

1. **O papel do futebol na modernização das cidades e da própria vida urbana.** Tão importantes quanto a construção de bulevares, a eletrificação das cidades ou o processo de industrialização e seus rebatimentos espaciais, com a criação de vilas operárias ou formas de controle e hierarquia espacial, foi a criação de equipamentos esportivos, com destaque para o futebol, e a própria construção da prática esportiva nas grandes cidades brasileiras (MASCARENHAS, 1998a, 1999a, 1999c, 1999d, 2015). O futebol faz parte da própria paisagem urbana da cidade moderna, não se podendo desvincular a criação da cidade moderna de suas institucionalizações e práticas cotidianas;

2. **O futebol como prática territorializadora para grupos populacionais na cidade.** Da influência da imigração na eleição das principais práticas esportivas ao exercício operário do esporte bretão, da territorialidade dentro e fora dos estádios das torcidas organizadas à “*gourmetização*” do torcedor-consumidor transformado em expectador comportado do espetáculo e elo da cadeia de valores do produto-futebol, a análise desse esporte permite uma interessante análise dos comportamentos, aproximações, multiterritorialidades, conflitos e mudanças da própria sociedade (MASCARENHAS, 1998b, 2014b e 2014c, entre outros). A prática do futebol também é o espelho da sociedade vigente;

3. **A análise dos diversos objetos geográficos vinculados ao futebol é uma verdadeira aula de geografia urbana.** Dos campinhos de futebol, situados nas várzeas, “*quebradas*” e periferias das grandes, médias e pequenas cidades brasileiras, aos grandes estádios, destinados anteriormente a receber multidões em suas arquibancadas, camarotes, cadeiras e gerais, mas hoje transformados em arenas muito mais uniformes e com pouco espaço para inventividade, há uma leitura espacial profícua sobre os espaços da cidade, seus habitantes e interesses dominantes (MASCARENHAS, 2002a, 2002b, 2002c, 2005, 2007, 2008a, 2008b). Campinhos de várzea e grandes estádios são objetos geográficos fundamentais para compreender os sentidos dos espaços das cidades;

4. **Os grandes estádios de futebol são evidências do modelo de cidade vigente.** Pela própria natureza do esporte, com gramado extenso, e pela aglutinação de grandes públicos em praticamente todo o mundo, estádios de futebol são muito maiores e imponentes que ginásios, hipódromos, velódromos ou parques aquáticos. Tais equipamentos esportivos, de grande impacto na cidade, representam, em sua monumentalidade, reinvenção, disciplinaridade e constante readequação ao plano urbano, à ordem político-econômica vigente (MASCARENHAS, 2009, 2011, 2013, 2014d, 2014e, 2014f, 2017a; MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006; MASCARENHAS; GAFFNEY, 2006, 2014). Em países como o Brasil, onde o futebol é o esporte predileto, visitar um estádio de futebol é compreender o interesse dos planejadores na cidade onde está localizado;

5. **O futebol é, foi e será um esporte profundamente politizado, tanto a partir das ações hegemônicas quanto das práticas de resistência.** Se manuais clássicos sobre como a “*atuação político-estratégica de príncipes*” – há aqui uma livre e licenciosa referência à obra de Nicolau Maquiavel – pudessem ser atualizados por seus autores, certamente um capítulo especial deveria ser dedicado ao futebol. Do clássico “*Onde a Arena vai mal, um time no Nacional*”, em tempos de inchaço do Campeonato Brasileiro durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) para abrigar clubes de menor expressão para gerar dividendos políticos, às resistências das atuais “*torcidas antifascistas*”, com uniformes que expressam a posição política de seus associados, não é possível desvencilhar futebol e política (MASCARENHAS, 1998c, 2014a, 2017b). Para o pesquisador interessado em estudar política, assistir um jogo de futebol significa muito mais que saber qual time conseguirá fazer mais gols durante o tempo regulamentar;

6. **O futebol repercute os fenômenos da metropolização, da globalização e do neoliberalismo.** O fenômeno “*metropolização do futebol*” revela o gigantismo dos times das cidades economicamente mais importantes, que atualmente monopolizam a atenção da mídia e dos torcedores e conquistam os principais títulos nacionais e internacionais. Em tempos de globalização, onde meninos das periferias do Brasil se tornam torcedores do *Real Madrid* ou do *Paris Saint-Germain*, e de neoliberalismo, onde se acompanha com

tanta emoção a compra e venda de jogadores – e, nem gostamos de imaginar a reação do Gilmar, de clubes como seu querido Botafogo! –, o futebol se tornou um negócio global profundamente vinculado à força das grandes cidades (MASCARENHAS, 2000a, 2000b, 2001b; MASCARENHAS; RAVENEL; HELLEUE, 2012). Sede dos grandes times do mundo, a força da metrópole no futebol global mostra como a hierarquia urbana se torna um vetor explicativo do atual sistema de castas existentes no mundo desse esporte;

7. A mercadificação do futebol tem impacto direto no próprio cotidiano esportivo da cidade. Bastava acompanhar o Gilmar em pequenos e médios estádios, em Cabo Frio ou em Volta Redonda, por exemplo, para entender que para ele existia um encanto que se perdia progressivamente com o “*megaestádio-arena-não-lugar*” e seus jogadores “*robóticos-táticos-obedientes*” controlados pelo árbitro de vídeo. À medida que o futebol caminha para uma nova cosmogonia, onde os craques estão desfilando *Camp Nou* (onde o Barcelona manda seus jogos) ou no *Parc des Princes* (utilizado pelo Paris Saint-Germain), desaparecem gradativamente os campinhos nas cercanias e varadouros das cidades pelo mundo (MASCARENHAS, 2004, 2006, 2014a). A transformação do futebol em grande negócio é, ao final, o estrangulamento do futebol descompromissado, cotidiano, bricolado, inconsequente; ou, por que não, do futebol como diversão, extravasamento e esporte democrático.

É por isso que *Entradas e Bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol* (MASCARENHAS, 2014), livro publicado sobre o tema, é, em nossa opinião, uma obra definitiva que nasce clássica e cumpre papel importante na síntese das reflexões apresentadas na carreira do autor. Trata-se do escrito definitivo de um pesquisador maduro intelectualmente; é uma aula erudita dos desdobramentos históricos do mundo a partir dos últimos cento e cinquenta anos de existência oficial deste esporte; é a escrita de um trabalho que reforça as análises teórico-metodológicas da geografia do futebol e alimenta as gerações futuras (OLIVEIRA, 2015, 2019). Se é um apelo à sociabilidade urbana e uma exaltação do futebol coletivo, de “*matriz bricolada*”, de divertimento sincero dos praticantes, é também o horizonte de uma série de outras pesquisas sobre a geografia do futebol que ainda precisam ser feitas. “*Entradas e Bandeiras*” deve ser lido como um generoso, sincero e irrecusável convite a desbravar a geografia do futebol. É, portanto, também uma carta-compromisso que não nos furtamos a referendar e coassinar.

4. Terceira aproximação: legado e horizontes de pesquisa

Ao longo de sua vitoriosa jornada na UERJ, foram inúmeros trabalhos orientados por Gilmar na graduação e na pós-graduação. No curso de Doutorado em Geografia, do PPGeo-UERJ, duas teses tiveram como objeto central uma de suas maiores paixões: o Maracanã. O mítico estádio carioca, vizinho à UERJ, acabara de ser reformado/reconstruído para a Copa do Mundo de 2014, e, também, abrigaria as cerimônias de abertura e de encerramento (além de competições de outras modalidades) dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. As duas pesquisas, como o próprio Gilmar dizia, eram complementares, pois enquanto a tese de Demian Castro (2016) procurava analisar o Maracanã “do portão para fora”, o trabalho defendido por Fernando Ferreira, (2017), estudava o estádio “do portão para dentro”.

A tese de Demian Castro encontrava-se centrada na árdua luta empreendida por movimentos sociais contrários ao projeto original para o Maracanã e o seu entorno, que objetivava servir aos interesses do capital privado, comandado pelos grupos hegemônicos. Ainda que os efeitos nocivos à coletividade tenham sido minimizados, especialmente na área externa, no plano interno, o estádio, agora arenizado, teve seu espaço concebido voltado para um público frequentador ativo no consumo e passivo no comportamento. Nesse sentido, a tese de Fernando Ferreira partiu do princípio de que, terminada a Copa do Mundo da FIFA 2014 e, posteriormente, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio-2016 o espaço vivido do Maracanã do “dia a dia”, não seria o mesmo do Maracanã dos megaeventos.

Para tentar compreender como o remodelado equipamento esportivo seria apropriado pelo público frequentador, foi empreendida, à luz da Geografia dos Esportes, uma (doce) maratona ao longo de cinquenta e uma partidas, em oito setores diferentes, entre fevereiro de 2015 e dezembro de 2016. O foco das observações manteve-se na análise de diferentes oposições complementares: atores hegemônicos \times atores hegemonzados; horizontalidades \times verticalidades; nomoespaço \times genoespaco. Nos meses de outubro e novembro de 2016, ao reabrir após um período de cinco meses cedido ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos 2016 (CO-RIO 2016), a atmosfera interna mudara radicalmente. De repente, durante as sete últimas partidas observadas, comportamentos até então incomuns e fortemente reprimidos nos setores mistos e com ingressos mais caros, como, por exemplo, torcedores assistindo às partidas de pé, e a não obediência ao lugar marcado no ingresso, se tornaram frequentes.

Para o pesquisador, um sentimento de desespero, ao perceber que todas as análises empreendidas anteriormente poderiam ter “ido por água abaixo”. Nesse momento, após ouvir o relato/desabafo do orientando, Gilmar, que observara a tudo atentamente, diz que o estádio não perdeu o seu caráter orgânico, constituindo-se como um objeto difícil de capturar e em constante transformação. Golaço!

O Maracanã ainda seria objeto de outra dissertação de mestrado sob orientação de Gilmar Mascarenhas, desta vez num trabalho redigido por Krycia da Silva Perni, intitulado “*Dois Lugares, dois caminhos: Maracanã e São Januário*”, defendido na UERJ em 2017. Ao todo Gilmar orientou 16 (dezesseis) dissertações de mestrado, 2 (duas) teses de doutorado, 1 (um) pós-doutorado, 25 (vinte e cinco) monografias de especialização e 21 (vinte e um) trabalhos de conclusão de curso. Há um espólio significativo de trabalhos sobre a Geografia dos Esportes e certamente um grande número de pesquisadores capazes de continuar e aprimorar o seu legado.

5. Considerações finais

Quando Gilmar partiu para outros campos, em junho de 2019, não bastasse o fato de nos vermos privados do convívio de um grande amigo e professor, perdemos também a principal referência da Geografia dos Esportes no país. Um caminho trilhado, praticamente sozinho, desde a década de 1990, em meio ao desconhecimento inicial, misturado com desconfiança e desdém de uma parte significativa do meio acadêmico. Uma tarefa árdua e bem-sucedida. Este artigo visa, humildemente, apresentar um pouco da trajetória profissional e pessoal do autor, suas principais reflexões sobre a geografia de futebol em seus artigos, capítulos de livro e livro e os horizontes de investigação para a continuidade de seus esforços de pesquisa (FERREIRA; CASTRO; OLIVEIRA; MELO, 2022).

Afinal, Gilmar Mascarenhas foi o primeiro geógrafo brasileiro a desenvolver uma obra consistente, relacionando conceitos e temas da ciência geográfica à compreensão do desenvolvimento do esporte enquanto fenômeno de massas, traço cultural marcante das sociedades contemporâneas. Cabe a ele também, o pioneirismo de “escalar”, na mesma equipe os craques Milton Santos e Nilton Santos, ao introduzir uma perspectiva crítica com viés marxista ao estudo da geografia dos esportes. Como resultado, abriu-se um vasto campo de investigações no qual o estádio reflete as mutações do espaço urbano e surge como arena desses conflitos. Na esteira de sua obra, surgiram inúmeros trabalhos, que ultrapassaram os limites da Geografia (FERREIRA; CASTRO; OLIVEIRA; MELO, 2022).

Gilmar gostava de dizer, meio de brincadeira, meio a sério, que ele era o maior geógrafo dos esportes do Brasil, pela simples razão de ser o único. Que, quando morresse, a Geografia dos Esportes morreria junto. Cabe a todos que se dedicam ao tema provar que ele estava certo e errado. Certo, pois, da mesma forma que não surgiu outro Garrincha, jamais teremos um outro geógrafo dos esportes com a sua categoria. Errado, pois a sua obra será eterna. Há ainda muito a ser estudado. A melhor homenagem ao saudoso Gilmar Mascarenhas é continuarmos com o jogo bonito, de aproximações e parcerias acadêmicas e paixão e emoção genuína, na análise da geografia do futebol nos mais diferentes lugares do mundo.

Referências

ANDRADE, J. S. C. de. Gilmar Mascarenhas: a biografia do drible. In: MACHADO, M.; MARTIN, A. (org) **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros** – Volume 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

AUGUSTIN, J. P. **Sport, Geographie et Aménagement**. Bordeaux: Édition Nathan, 1995.

AUGUSTIN, J. P. D’un stade à l’autre: le rugby français entre culture local et spectacle mondial. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, 70 (130-139), Mars 1996.

AUGUSTIN, J. P. Les territoires incertains du sport. **Cahiers de Géographie**, 114 (41), dez. 1997.

CASTRO, D. G. **O Maraca é nosso!:** da “monumentalidade das massas” ao “padrão-FIFA” – neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, F. da C.; CASTRO, D. G.; OLIVEIRA, L. D. de; MELO, N. R. de. O jogo tem que continuar... e a luta também! **Ludopédio**, São Paulo, v. 157, n. 23, 2022.

FERREIRA, F. da C. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã.** 2017. Tese (Doutorado em Geografia) do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço e Debates**, São Paulo, nº 39, 1996, p. 48-64.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante Editora, 2020.

LEFÈBVRE, H. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

LEFÈBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ed. Ática, 1991.

LEFÈBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

MASCARENHAS, G. 2014 e o desenhar conflituoso de uma nova geografia do futebol. In: SANCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; OLIVEIRA, F.; NOVAIS, P. (orgs). **A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências.** Niterói: Editora da UFF, 2014f, p. 61-78.

MASCARENHAS, G. A adoção do futebol na Espanha: o papel das redes e da configuração territorial. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 5, n. 87, 2000b.

MASCARENHAS, G. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, 2001a.

MASCARENHAS, G. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões** (UNICAMP), Campinas, v. 1/2, p. 46-59, 1999b.

MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura** (UERJ), v. 19-20, 2005.

MASCARENHAS, G. Brasil, Uruguai e Argentina. Integração nacional, nacionalismo e popularização do futebol. In: VALENCIA, R. de la M.; TRONCOSO, H. C. (orgs). **Aspectos de la Modernidad Latinoamericana: rupturas y discontinuidades.** Xalapa: Universidad Veracruzana, 2017b, v. 1, p. 309-327.

MASCARENHAS, G. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão espacial do futebol. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 73-82, 2001b.

MASCARENHAS, G. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 4, n. 69, 2000a.

MASCARENHAS, G. Construindo a “Pátria de Chuteiras”: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER (org). **Ensinar e Aprender Geografia.** Porto Alegre: AGB, 1998c, p. 93-103.

MASCARENHAS, G. Cultura, globalização e futebol: comentários a partir do filme A Copa. In: MELO, V.; ALVITO, M. (orgs). **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema.** Rio de Janeiro: FGV, 2006, v. 1, p. 27-39.

MASCARENHAS, G. Da cidade colonial ao espaço da modernidade: a introdução dos esportes na vida urbana no Rio de Janeiro. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 3, n. 45, 1999a.

- MASCARENHAS, G. Do campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 4, p. 57-68, 2007.
- MASCARENHAS, G. Eletalizando cidades e corpos: o futebol no processo de modernização do Brasil (1890-1930). In: CORNELSEN, E.; AUGUSTIN, G.; SILVA, S. R. da. (orgs). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015, p. 77-89.
- MASCARENHAS, G. Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol. In: CORNELSEN, E.; CAMPOS, P.; SILVA, S. (orgs.). **Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017a, v. 2, p. 77-96.
- MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a.
- MASCARENHAS, G. Football, globalisation and local identity in Brazil. **Esporte e Sociedade**, v. 3, p. 1-14, 2008a.
- MASCARENHAS, G. Futbol y modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, 1998b.
- MASCARENHAS, G. Futebol e territorialidade da segregação em Porto Alegre (RS). **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 5, n.2, p. 49-75, 1998a.
- MASCARENHAS, G. Le football au Brésil: réflexion sur le paysage et l'identité à travers les stades. In: PIRAUDEAU, B. (org). **Le football brésilien regards anthropologiques, géographiques et sociologiques**. Paris: Harmattan, 2014e, p. 187-200.
- MASCARENHAS, G. Le Football au Brésil: réflexion sur le paysage et l'identité à travers les stades. **Géographie et Cultures**, Paris, v. 78, p. 89-102, 2011.
- MASCARENHAS, G. **Memorial para a obtenção de título de Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Mimeo, 2018.
- MASCARENHAS, G. Mundo e Lugar: a introdução do futebol no Brasil urbano. **Experimental**, São Paulo, v. 6, p. 95-110, 1999d.
- MASCARENHAS, G. Não vai ter arena? Futebol e direito à cidade. **Advir (ASDUERJ)**, v. 32, p. 24-38, 2014d.
- MASCARENHAS, G. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.
- MASCARENHAS, G. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999c.
- MASCARENHAS, G. **O lugar da feira-livre na grande cidade capitalista**: conflito, mudança e persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989). Dissertação (Mestrado em Geografia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil, 1991.
- MASCARENHAS, G. O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G.; RIBEIRO, M. (org). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002a, p. 127-142.
- MASCARENHAS, G. O novo estádio de futebol: reflexões sobre territorialidade, lugar, cultura e cidadania. In: ALMEIDA, M. G. de; CRUZ, B. N. (orgs). **Território e cultura**: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia e Manizales: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE e Universidad de Caldas, 2009, p. 101-113.
- MASCARENHAS, G. Primórdios do futebol na Cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 169, p. 101-112, 2008b.

- MASCARENHAS, G. São Paulo: a cidade e o futebol. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 46, 2002c.
- MASCARENHAS, G. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado. In: GARGANTA, J., OLIVEIRA, J., MURAD, M. (orgs). **Futebol de muitas cores e sabores**. Coimbra: Campo das Letras, 2004.
- MASCARENHAS, G. The adoption of soccer in southern Brazil: the influences of international boundaries immigrants. In: CURL, M. (org). **Soccer in Brazil**. Londres: Routledge, 2014c, v. 1, p. 28-34.
- MASCARENHAS, G. The adoption of soccer in southern Brazil: the influences of international boundaries immigrants. **Soccer & Society**, v. 15, p. 29-35, 2014b.
- MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 10, p. 142-170, 2013.
- MASCARENHAS, G. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia** (UFF), v. 4, p. 32-47, 2002b.
- MASCARENHAS, G.; GAFFNEY, C. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: HOLLANDA, B. B.; BURLAMAQUI, L. (orgs). **Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol**. Niterói: Editora da UFF, 2014, v. 1, p. 85-106.
- MASCARENHAS, G; GAFFNEY, C. The soccer stadium as a disciplinary space. **Esporte e Sociedade**, v. 1, p. 1, 2006.
- MASCARENHAS, G.; OLIVEIRA, L. D. de. Adeus ao proletariado? A dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda RJ / Brasil). **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 101, p. 1, 2006.
- MASCARENHAS, G.; RAVENEL, L.; HELLEUE, B. Metropolização e futebol. In: SILVA, C. A.; LOUREIRO, A.; RIBEIRO, A. C. T. (orgs). **Metrópoles: entre o global e as experiências cotidianas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012, p. 72-87.
- OLIVEIRA, L. D. de. **A geopolítica do desenvolvimento sustentável: um estudo sobre a Conferência do Rio de Janeiro (Rio-92)**. 2011. Tese (doutorado em Geografia) no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- OLIVEIRA, L. D. de. Por uma geografia social do futebol: lições de política, economia, cidade e cultura. **Biblio 3w**, Barcelona, v. XX, p. 1-5, 2015.
- OLIVEIRA, L. D. de. Por uma geografia urbana da resistência: em memória de Gilmar Mascarenhas. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 8, n. 14, p. 273-293, 2019.
- RIBEIRO D. **O que é lugar de fala?** (Feminismos plurais) Belo Horizonte: Letramento; 2017.
- SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana (Coleção Ciências Sociais). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).